



**Toda nudez será castigada:
moralidade e a formação do ecossistema de informação bolsonarista no Brasil**

**All nudity shall be punished:
morality and the structuring of the far-right information ecosystem in Brazil**

Lorena de Oliveira Santos¹
Ana Paula Goulart de Andrade²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo compreender a formação do ecossistema de comunicação bolsonarista no Brasil. Adotando a Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), a pesquisa sistematiza pautas de costume presentes em três edições do programa “Os Pingos nos Is”, da Jovem Pan, e as articula com o discurso da extrema-direita. O resultado constatou que o canal contribuiu para a manutenção da desinformação numa esfera antidemocrática.

Palavras-chave: Democracia; Ecossistema bolsonarista; “Os Pingos nos Is”; Jornalismo; Comunicação.

Abstract: The present article aims to comprehend the structuring of the bolsonarist information ecosystem in Brazil. Through the Analysis of Audiovisual Materiality (COUTINHO, 2016), the research lists morality discussions in three editions of the newscast “Os Pingos nos Is”, by Jovem Pan, and articulates them with the far-right discourse. The results prove that the news channel has contributed to maintaining disinformation in an anti-democratic sphere.

Keywords: Democracy; Bolsonarist ecosystem; “Os Pingos nos Is”; Journalism; Communications.

¹ Recém-graduada em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) – 2022.2. E-mail: olives.lorena@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da FACHA. E-mail: goulartdeandrade@facha.edu.br



Introdução

Em uma democracia, o discurso é possivelmente o principal instrumento através do qual um político pode chegar ao poder. É na construção de uma esfera pública que se dá o debate – esfera essa que é tanto constituída quanto mediada pelos meios de comunicação, sejam eles a língua falada, os jornais, o rádio, a televisão ou, mais recentemente, a Internet.

Para Traquina (2005), há um acordo tácito entre a sociedade e a imprensa, no qual esta desempenha o papel de reportar os acontecimentos do mundo ao público, que confere credibilidade e autoridade a um jornalista que deverá informá-lo – mostrando-lhe, de certa forma, a realidade.

Mas quando esse acordo é quebrado, quem dita o que é realidade? A recente popularização das mídias sociais tornou esta questão ainda mais importante para o Jornalismo. A rede deu voz a atores que não estão necessariamente preocupados em seguir um código de ética jornalístico. Em nome de interesses próprios, esses atores fazem uso de plataformas como *Facebook*, *WhatsApp* e *YouTube* para disseminar informações falsas ou distorcidas e, assim, conseguem criar um novo sentido da realidade para o público. Consequentemente, o jornalismo pautado sobretudo pelo princípio do interesse público (TRAQUINA, 2005) é descredibilizado e tem sua autoridade desafiada.

A campanha presidencial de 2018 marcou a ascensão da extrema-direita no Brasil e culminou com a eleição de Jair Bolsonaro ao mais alto cargo do Poder Executivo do país. Em um cenário de instabilidade política, aumento das desigualdades socioeconômicas³ e maior desconfiança da população na política⁴, o assunto que estava no centro do debate da campanha

³ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de extrema pobreza no país passou de 4,5%, em 2014, para 6,5% em 2019, enquanto o Índice Gini, coeficiente utilizado para medir a concentração de renda, cresceu 3,6% entre 2015 e 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao> Acesso em 18 de setembro de 2022.

⁴ Em pesquisa de 2018, o Instituto Datafolha revelou que apenas 31% dos brasileiros confia nos partidos políticos e no Congresso Nacional, e 41% não confiam na Justiça Eleitoral. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971972-partidos-congresso-e-presidencia-sao-instituicoes-menos-confiaveis-do-pais.shtml> Acesso em 18 de setembro de 2022.



não era justiça social ou o fortalecimento da democracia, mas sim uma suposta “ameaça comunista” que dominaria o Brasil, provocando o caos moral e econômico no país.

As pautas de costume estão intrinsecamente ligadas a esse debate. Historicamente, o comunismo foi enquadrado como um sistema que destrói a instituição familiar e persegue os cristãos (COWAN, 2021). Em um país onde 27% das pessoas se consideram completamente conservadoras⁵, milhões de publicações recrutando-as para uma suposta “guerra cultural” contra a esquerda circulavam nas redes sociais. A campanha de Jair Bolsonaro – ou o bolsonarismo, compreendido aqui como um movimento político de extrema-direita orientado pela rejeição à política tradicional; pelo nacionalismo exacerbado; pelo belicismo e pela defesa dos valores familiares patriarcais (CASTRO ROCHA, 2021), cuja ascensão se deu em torno da figura do então deputado federal Jair Bolsonaro – estruturou um ecossistema de comunicação próprio, no qual a realidade percebida era outra e a mídia tradicional, cúmplice do comunismo.

O presente artigo pretende investigar a centralidade das pautas de costume na construção da rede bolsonarista entre a campanha presidencial de 2018 e os últimos meses do governo Bolsonaro. O trabalho tem como base as teorias sobre o poder de Pierre Bourdieu (1989) e de Michel Foucault (1999) – ambos descritos como mecanismos silenciosos que modificam o sentido da realidade na qual o indivíduo está inserido –, relacionando-os com as teorias construcionistas do Jornalismo. A pesquisa utiliza como método a Análise da Materialidade Audiovisual – AMA (COUTINHO, 2016) para analisar três edições do programa “Os Pingos nos Is”, disponíveis no canal da *Jovem Pan News* no *YouTube*.

O trabalho enumera as principais pautas de costumes presentes no programa e explora a forma como elas se articulam com a agenda bolsonarista, produzindo novos sentidos que entrarão em disputa com o consenso que sustenta a democracia.

⁵ Levantamento feito pelo Instituto de Pesquisas Cananeia (Ipec), realizado em setembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/09/13/ipe37percent-dos-eleitores-se-identificam-com-o-centro-35percent-com-a-direita-e-26percent-com-esquerda.ghtml> Acesso em 20 de setembro de 2022.



1. Jornalismo, conservadorismo e a erosão da democracia no Brasil

“Você é mulher da zona! Herculano é [...] sujeito religioso”, afirma o personagem Patrício, típico malandro, ao arquitetar o casamento de seu irmão com a prostituta Geni em “Toda Nudez Será Castigada”. A peça, escrita em 1965 por Nelson Rodrigues, um dos mais importantes dramaturgos nacionais, retrata bem um aspecto da sociedade brasileira latente até meados da última década: o falso moralismo daqueles que exaltam valores tradicionais no discurso, mas, na prática, estão envolvidos em esquemas de corrupção, defendem a violência e acumulam episódios de assédio moral e sexual.

Os conflitos em torno da moralidade no Brasil não são recentes. Para Biroli, Machado e Vaggione (2020), as questões de gênero como um problema de ordem moral, por exemplo, vêm sendo discutidas pela Igreja Católica pelo menos desde os anos 1990, com a publicação de documentos contrários à prática do aborto defendida por movimentos feministas.

Mas foi sobretudo nos anos 2010 que os argumentos reacionários avançaram no debate político. Em um contexto de avanço de movimentos de minorias e do fortalecimento do Estado de bem-estar social, uma importante força opositora ganhou corpo: os neopentecostais. O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 apontava que 22,2% dos brasileiros seguiam a religião evangélica⁶, aumento de mais de 44% em relação ao Censo de 2000. Em 2016, este número já chegava a 29%, segundo o Datafolha⁷.

Enquanto grupo político, o movimento evangélico tem como principal agenda o resgate da tradição moral cristã (COWAN, 2021). Assim, o conservadorismo – que engloba grupos católicos, militares, antirrepublicanos e até mesmo as elites econômicas neoliberais – vem difundindo um discurso em defesa da família heterossexual e patriarcal enquanto unidade fundamental da sociedade. Qualquer outra forma de organização social é considerada uma ameaça à ordem e, portanto, rechaçada.

⁶ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 06 nov. 2022.

⁷ Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 06 nov. 2022.



A luta por reconhecimento dos movimentos sociais – sobretudo, mas não somente, os ligados ao gênero – gerou uma forte reação por parte dos grupos conservadores, que passou a associá-los à depravação e ao “comunismo”. O historiador norte-americano Benjamin Cowan (2016) descreve a associação entre o anticomunismo e a moralidade no Brasil, afirmando que, historicamente, líderes políticos alegavam que:

a segurança estava ameaçada ‘por uma revolução global, que se manifestava no dismantelamento crescente dos costumes, a ascensão da pornografia e a queda da família’. [...] Esse senso direitista de uma crise cultural fundamentou a teoria da securitização e permitiu reações contra a modernidade, ajudando a elaborar ações de repressão autoritárias. (COWAN, 2016, p. 17-18).⁸

Ou seja: todos os atores sociais que atuam pelo avanço dos direitos humanos e em defesa do progresso são considerados agentes cuja principal intenção é destruir a sociedade. Isso inclui mulheres, negros, indígenas, a comunidade LGBTQ+, organizações não-governamentais, movimentos estudantis e uma elite econômica “globalista” – formada por empresários, jornalistas, políticos e membros do Poder Judiciário, por exemplo – que buscam impor uma moralidade pervertida, censurando a liberdade de crença e de expressão religiosas.

Foi dessa forma que ganhou força a chamada “guerra cultural”, principal instrumento de mobilização da campanha bolsonarista em 2018. O discurso de que somente Jair Bolsonaro, um ex-capitão do Exército e católico, poderia “salvar” o Brasil da ameaça comunista, da corrupção e do fim da família planejados pelo “sistema”, dominou o debate público – e se consolidou graças ao fortalecimento de um ecossistema de comunicação que reuniu aliados religiosos e seculares e conseguiu emplacar a ideia de que se a esquerda política não fosse derrotada, o caos seria instaurado no Brasil.

O ecossistema bolsonarista pode ser compreendido como uma rede de produção e disseminação de informações falsas ou distorcidas, que tem por objetivo a manutenção da desinformação – condição para sustentar um governo que, durante quatro anos, não promoveu melhorias significativas no país⁹. Essa rede se estabeleceu em todas as principais mídias sociais

⁸ Tradução nossa.

⁹ Durante o governo Bolsonaro, indicadores socioeconômicos demonstraram a piora da qualidade de vida. Apesar da recente recuperação econômica, a desigualdade de renda, taxa de informalidade e poder de compra apresentaram



digitais, sequestrando os espaços do ambiente digital e promovendo discursos revisionistas. Aproveitando-se da falta de regulamentação e explorando a possibilidade de produção de conteúdo de forma coletiva e em multiplataformas, fenômenos que Jenkins (2008) caracterizou como “cultura de convergência”, a extrema-direita brasileira produziu e reproduziu à exaustão conteúdos que reafirmassem o discurso conservador, associando a esquerda ao comunismo e à imoralidade. Não coincidentemente, algumas das *fake news* mais disseminadas durante a campanha presidencial de 2018 estavam relacionadas à suposta “ideologia de gênero”, o que escandalizava a parcela mais conservadora da população.

Mas as lideranças religiosas evangélicas não foram as únicas a se juntar à campanha da extrema-direita: setores importantes da imprensa brasileira também apoiaram a campanha bolsonarista, caso da *Jovem Pan News*. Biroli, Machado e Vaggione (2020) justificam esse movimento pelo interesse econômico: os atores neoliberais enxergavam em Bolsonaro a oportunidade de substituir um projeto de Estado intervencionista por um liberal.

Essa dicotomia de crenças e valores contribuiu, também, para a descredibilização do jornalismo no Brasil¹⁰. Enquanto parte da imprensa defendeu a eleição de Bolsonaro em 2018 e continuou a apoiar o seu governo até 2022, outros grupos de mídia denunciavam o autoritarismo, o discurso preconceituoso e o desrespeito aos direitos humanos por parte do presidente.

A consequência é que a atividade jornalística desse segundo grupo – pautada por preceitos éticos, pela defesa do pluralismo e dos direitos humanos passou a ser enquadrada como inimiga, e a violência e a censura passaram a ser aceitáveis para combatê-la. Os riscos desse processo para a democracia são incontestáveis, já que, para Traquina, “o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura” (2005, p. 22).

Em suma, o que esteve em jogo nas eleições de 2018 não foi unicamente a questão da moralidade, embora essa estivesse no centro das discussões; mas, sim, uma expressão

queda considerável em relação aos índices dos anos anteriores a 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-trajet%C3%B3ria-de-sete-indicadores-econ%C3%B4micos-sob-bolsonaro/a63302330>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹⁰ Em pesquisa de 2021 do Instituto Datafolha, 32% dos brasileiros não confiavam na imprensa. Em 2019, esse número era de 30%. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-cai-confianca-da-populacao-nas-instituicoes-e-nos-tres-poderes.shtml>. Acesso em: 07 nov. 2022.



reacionária a um movimento na estrutura social, motivado pelas lutas coletivas de minorias que exigiam que o Estado passasse a olhar por elas – um questionamento à ordem vigente. E a mídia atuou sistematicamente na naturalização e no estímulo à violência contra minorias e contra seus próprios pares, possibilitando, assim, a eleição de um governo antidemocrático.

2. O jornalismo como instrumento do (bio) poder

A noção de que a existência e os valores da família estão sendo ameaçados ganhou força entre os eleitores conservadores, que passaram a enxergar na figura de Jair Bolsonaro o “Messias”. Essa retórica, utilizada para justificar discursos de ódio e ataques às instituições democráticas, ganhou capilaridade com o uso massivo das mídias sociais digitais. A rede de comunicação bolsonarista – *sites* noticiosos, grupos de *WhatsApp*, influenciadores digitais no *Twitter*, no *Facebook* e no *YouTube* etc. – construiu um discurso paralelo e foi bem-sucedida em convencer uma parcela significativa da população de que ali se dizia a verdade, ao contrário da “imprensa ideológica” (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 35). Para isso, esses grupos publicavam conteúdos sem fundamento na realidade, mas vestidos de notícias sérias e imparciais. As chamadas *fake news* são, então, disparadas em massa, garantindo o crescimento do alcance dos *sites* que as fabricam em ferramentas como o Google, conforme revelou a jornalista Patrícia Campos Mello em reportagem para a Folha de S. Paulo¹¹.

A campanha da extrema-direita apresenta duas importantes características: explorar o potencial destrutivo das *fake news*, tanto nas redes sociais quanto na imprensa aliada aos ideais conservadores; e apontar inimigos a serem combatidos em seu discurso (CASTRO ROCHA, 2021). Ou seja: a extrema-direita vem buscando dominar o indivíduo através da cultura, exercendo o que Pierre Bourdieu (1989) define como poder simbólico.

O poder simbólico atribui ao indivíduo um modo de se enxergar a realidade e de se enxergar na realidade, sem que seja necessária a violência propriamente dita. Em vez disso, o poder vale-se dos “sistemas simbólicos” (1989, p. 8) para manter a estrutura social. Para Bourdieu,

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/industria-digital-bolsonarista-avanca-massificada-e-sem-fiscalizacao.shtml>. Acesso em: 06 out. 2022.



Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Enquanto espaço de debate público, a mídia é onde se constrói o sentido da realidade; e embora os discursos (re)produzidos pelos meios de comunicação sejam inquestionavelmente dotados de interesses das classes dominantes (Bourdieu, 1989, p. 10), é o consenso em torno deles o que torna possível a existência de qualquer relação social. Com a popularização das redes sociais, novos atores ganharam espaço no debate público – por motivos diversos, esses atores questionavam não só os discursos, mas o próprio sentido da realidade construída. Assim, mais do que impedirem que o indivíduo tome decisões informadas, as *fake news* contribuem para se construa um novo sentido da realidade – destruindo, assim, o consenso.

A relação da moralidade com o poder foi descrita com maior profundidade por Michel Foucault (1999). O poder atua por meio das instituições modernas – escolas, exércitos, manicômios e, evidentemente, a mídia –, que têm como principal função disciplinar o indivíduo para que ele aja de modo a contribuir para a manutenção da ordem social; processo a que Foucault chama de “docilização dos corpos” (1999, p. 28). O poder dispõe de instrumentos de repressão e de punição que serão empregados no processo de adestramento do indivíduo; a repressão à sexualidade é um desses dispositivos (1999, p. 19).

A insistência da extrema-direita em resgatar valores tradicionais e confrontá-los com a “depravação” dos movimentos feministas e LGBTQIA+, buscando eliminá-los, é, portanto, mais uma estratégia para reprimir o questionamento de uma ordem social excludente. O ecossistema de comunicação bolsonarista se ocupou em evidenciar as pautas de costume ao longo da campanha e do mandato de Bolsonaro: o discurso de ódio contra essas minorias sociais e os incentivos a “fuzilar a petralhada”¹² são repetidos de modo que a opressão contra esses grupos se torne uma questão de sobrevivência.

¹² No dia 3 de setembro de 2018, em campanha eleitoral no Acre, o então candidato Jair Bolsonaro incitou seus eleitores a “fuzilar a petralhada do Acre”, afirmando que os grupos petistas deveriam “ir para a Venezuela”. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 28 out. 2022.



No Jornalismo, as teorias construcionistas (TRAQUINA, 2005, p. 168) associam a atividade jornalística aos conceitos de poder e realidade trabalhados por Bourdieu e Foucault. Os teóricos construcionistas afirmam que as notícias “ajudam a construir a própria realidade” (p. 168) – isto é, os *media* jornalísticos tradicionais produzem e reproduzem esta realidade, agindo como um braço do poder simbólico. Traquina alerta para o fato de que “o paradigma das notícias como construção não implica que [...] sejam ficção. Schudson (1982/1983:280) escreve que as notícias não são ficcionais, mas sim convencionais” (p. 169).

A teoria considera ainda a importância da cultura no fazer jornalístico. As crenças e valores do jornalista refletirão o caminho adotado por ele na construção de uma notícia e, portanto, como ela será exposta ao público, contribuindo para o “*consensus*” (BOURDIEU, 1989, p. 8).

3. Análise da materialidade audiovisual: “os pingos nos is”

Nesse novo ecossistema de comunicação, um veículo específico concentra estrutura, números de audiência e alcance significativos: a Jovem Pan. Com presença na televisão, no rádio, no *YouTube*, no *streaming* e em plataformas de *podcasts*, além de canais oficiais no *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *Telegram*, a emissora – que possui concessão pública – tem a capacidade de pautar a agenda bolsonarista, formar opiniões e fornecer material jornalístico para lastrear discursos paralelos ao *consensus*. O principal programa da emissora, “Os Pingos nos Is”, é transmitido de segunda a sexta-feira, às 18:00, no rádio, na TV e no *YouTube* e propõe-se a abordar “temas políticos de modo crítico, em um formato de bate-papo e discussão aberta”¹³.

Para analisar o modo como os discursos antagônicos aos da grande imprensa são construídos e disseminados, foi utilizado o método da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), que aplica ao *corpus* a unidade texto+som+imagem+tempo+edição (COUTINHO, I.; GOULART DE ANDRADE, A., 2022, p. 3) para compreender as produções de sentidos de um produto do jornalismo em telas. Foram escolhidas três edições do programa

¹³ Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is>. Acesso em: 17 set. 2022.



“Os Pingos nos Is”, exibidas em 2018, 2020 e 2022 – respectivamente, durante a campanha presidencial que levou Jair Bolsonaro ao poder; no primeiro ano da pandemia de Covid-19; e nos dias antecedentes ao primeiro turno do pleito de 2022.

Os eixos “narrativa” e “audiência” foram definidos a partir do objetivo do trabalho de compreender a estruturação e o fortalecimento da rede de comunicação da extrema-direita. Dessa forma, foram analisadas: a afinidade das pautas abordadas com temas como moral, religião, democracia e corrupção; a duração e a importância dada a cada pauta discutida; a opção pela exibição ou não de imagens e sonoras; e dados quantitativos de repercussão de cada edição do telejornal (exclusivamente no *YouTube* e no *Facebook*). As conclusões foram condensadas na tabela 1:

Tabela 1 – Análise da Materialidade Audiovisual – edições de 24/09/2018, 04/09/2020 e 29/09/2022 do programa “Os Pingos nos Is”. Dados coletados entre 1 de outubro de 2022 e 30 de outubro de 2022.

| Nome do vídeo: Os Pingos Nos Is - 24/09/18 - Entrevista exclusiva com Jair Bolsonaro | | |
|--|---------------------|--|
| Data da postagem: 24/09/2018 | Duração: 1:32:26 | Abordam-se temas moralistas?: Sim (religião, gênero, comunidade LGBTQIA+, corrupção) |
| Narrativa | | |
| Linguagem dramática: gravação em ambiente hospitalar; personagem é entrevistado na cama do hospital; exploração da função emotiva; lágrimas, menção à família; Bolsonaro é retratado ora como mártir, ora como herói; demais personagens presentes reiteram a narrativa. | | |
| Audiência | | |
| Maior parte dos comentários se dividem entre mensagens de apoio ao então candidato Jair Bolsonaro e elogios à "imparcialidade" e à qualidade do jornalismo feito pela emissora; Quantitativo de curtidas e compartilhamentos: no <i>YouTube</i> , o vídeo teve mais de 70 mil curtidas e 1.432 comentários; no <i>Facebook</i> , foram 17.535 reações, 1.555 comentários e 11.093 compartilhamentos. | | |
| Nome do vídeo: Os Pingos Nos Is - 04/09/20 - ONGS CONTRA O BRASIL/ FIM DA GESTÃO TOFFOLI/ENTREVISTA: MARCO AURÉLIO | | |
| Data da postagem: 04/09/2020 | Duração: 2:15:48 | Abordam-se temas moralistas?: Sim (corrupção, ambientalismo) |
| Narrativa | | |



| | | |
|---|-----------------------------|--|
| Linguagem referencial; comentaristas em ambientes de biblioteca (presença de livros transmite autoridade e credibilidade); Ministros do STF Dias Toffoli e Luiz Fux e ONGs de proteção do meio ambiente retratados como vilões (constante uso de termos como "perseguição política", "alarmismo", "autoritário", "campanha contra o Brasil" em referência aos personagens), associação ao ex-presidente Lula e ao PT; Menção à "guerra de narrativas" para descredibilizar a imprensa e o Poder Judiciário; Pandemia da Covid-19 não abre o jornal (em 04/09/2020, o Brasil chegou a 125 mil mortos pela doença). | | |
| Audiência | | |
| Quantitativo de curtidas e compartilhamentos: no <i>YouTube</i> , o vídeo registrou 43 mil curtidas e 939 comentários; no <i>Facebook</i> , foram 166 reações, 25 comentários e 853 compartilhamentos. | | |
| Nome do vídeo: DEBATE DA GLOBO/ DATAFOLHA CONTRARIA DATAPOVO/ MORAES ENQUADRADO - OS PINGOS NOS IS - 29/09/2022 | | |
| Data da postagem: 29/09/2022 | Duração: 2:05:54 | Abordam-se temas moralistas?: Sim (religião, corrupção, aborto) |
| Narrativa | | |
| Linguagem referencial; comentaristas em ambientes de biblioteca (presença de livros transmite autoridade e credibilidade); Lugar de fala: presença de comentarista do gênero feminino para falar sobre aborto; Associação da esquerda brasileira às ditaduras da América Latina e a uma suposta perseguição a cristãos (termos utilizados: "Igreja", "católicos", "evangélicos", "ataque", "ditadura esquerdista"); Falta de imagens que comprovem as afirmações feitas pelo jornal. | | |
| Audiência | | |
| Comentários com teor religioso ("DEUS ABENÇO A NOSSA PÁTRIA AMADA BRASIL!!", "E ainda tem cristãos que querem votar na esquerda?! Não cavemos nossa própria sepultura!", "NÃO VÃO NOS INTIMIDAR MAIOR É O QUE ESTÁ CONOSCO. É DEUS QUE PELEJA PELO SEU POVO AMÉM."); Divisão do vídeo em "pílulas" (vídeos menores) como estratégia de viralização; Quantitativo de curtidas e compartilhamento: no <i>YouTube</i> , o vídeo ultrapassou 102 mil curtidas e possui 1536 comentários; no <i>Facebook</i> , foram 262 reações, 35 comentários e 1500 compartilhamentos. | | |

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

3.1 Resultados das análises

Na primeira edição analisada de "Os Pingos nos Is", em 24 de setembro de 2018, uma entrevista exclusiva com o então candidato à presidência Jair Bolsonaro abriu o programa. Ao longo de 25 minutos, o jornalista Augusto Nunes fez perguntas sobre o estado de saúde de Bolsonaro após o atentado sofrido em Juiz de Fora, em 6 de setembro daquele ano, propostas de governo e temas considerados polêmicos, como a redução da maioria penal.

Na entrevista, é notável a exploração da linguagem dramática: as imagens do candidato em um hospital, por vezes emocionado, geram empatia entre ele e o telespectador. A presença de um de seus filhos – Flávio Bolsonaro – e a constante menção à família parecem ter um



propósito similar, ao mesmo tempo em que reforça o principal mote da campanha presidencial de 2018: “Deus, pátria, família”.

Em um aceno ao eleitorado evangélico, Bolsonaro referencia o divino – palavras como “Deus” e “milagre” aparecem com frequência em seu discurso. Ele também reflete sobre o seu papel no incentivo aos discursos de ódio e à violência política, crescentes no Brasil desde 2019¹⁴, afirmando que é “vítima daquilo que combate” – segundo ele, um sistema político corrupto. O candidato propõe medidas como a redução da maioria penal e o combate aos defensores de direitos humanos, em um discurso punitivista.

Bolsonaro aproveita o espaço para se defender de acusações de misoginia, homofobia e racismo. Ele afirma que “nunca deu uma declaração” contra gays, negros e mulheres e nega pregar o ódio, apesar de, àquela altura, já ter sido processado por todos esses crimes¹⁵. Em nenhum momento, o jornalista Augusto Nunes o questiona sobre os processos.

Em resumo, tanto por meio dos elementos visuais quanto pelo conteúdo dito, Bolsonaro transmite uma imagem ora de herói, ora de mártir: ele foi escolhido por Deus para ser presidente e, assim, acabar com todos os males do Brasil – nomeadamente, a corrupção do sistema, as entidades de direitos humanos e a ameaça comunista. E se sacrificou, foi violentado e sobreviveu, em nome de seu propósito.

Esse discurso se repete nas demais edições do programa. Em 04 de setembro de 2020, “Os Pingos nos Is” trouxe como principais pautas o fim da gestão de Dias Toffoli na presidência do Supremo Tribunal Federal e a campanha “*Defund Bolsonaro*”, idealizada pela Associação dos Povos Indígenas do Brasil como uma reação ao aumento exponencial das queimadas na Amazônia¹⁶. A linguagem assume um tom mais referencial, diferentemente da entrevista com Bolsonaro. No entanto, Guilherme Fiuza e José Maria Trindade, ambos filmados em ambientes

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/07/13/com-214-casos-em-2022-violencia-politica-cresceu-335percent-no-brasil-em-tres-anos.ghtml> Acesso em 10 de outubro de 2022.

¹⁵ Em 2017, por exemplo, Bolsonaro foi condenado a indenizar a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) por danos morais, ao afirmar que não a estupraria porque ela não merecia. Também em 2017, ele foi condenado a pagar indenização por dano moral coletivo por declarações homofóbicas. Disponíveis em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/19/ministro-do-stf-mantem-decisao-que-mandou-bolsonaroindenizar-maria-do-rosario.ghtml> e <https://folha.uol.com.br/poder/2017/11/1934062-bolsonaro-e-condenado-apagar-r-150-mil-por-declaracoes-contragays.shtml> Acesso em 10 de outubro de 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2020/10/09/acumulado-de-focos-de-incendiona-amazonia-ate-setembro-e-o-maior-desde-2010-mostram-dados-do-inpe.ghtml> Acesso em 10 de outubro de 2022.



de biblioteca, e Augusto Nunes, do estúdio, utilizam a autoridade e a credibilidade dadas ao jornalista pelo público (TRAQUINA, 2005) para validar narrativas difundidas pelo governo, especificamente a de que há um complô global das instituições contra Bolsonaro.

Em um cenário de embates frequentes entre os Poderes Executivo e Judiciário, ao analisarem o período em que o Ministro Dias Toffoli presidiu a Suprema Corte, os comentaristas tecem críticas ao Inquérito das *Fake News*, aberto pelo tribunal em 2019 com o intuito de investigar a difusão de desinformação nas redes sociais. Eles ressaltam, sem provas, que o inquérito é um instrumento de perseguição política, e associam os Ministros Dias Toffoli e Luiz Fux aos mandatos do PT, buscando desacreditar suas decisões.

Na discussão sobre a campanha “*Defund Bolsonaro*”, os comentaristas se esforçam para construir uma dicotomia entre meio ambiente e economia. O discurso, novamente aliado ao que afirma o governo, é o de que as queimadas na Amazônia são consequência de fenômenos naturais e as ONGs de defesa ambiental usam mentiras para boicotar a economia baseada no agronegócio e, conseqüentemente, o mandato de Bolsonaro. O presidente francês, Emmanuel Macron, e jornalistas ambientais são citados por Trindade como “alarmistas” – Macron é um dos principais expoentes do chamado “globalismo”, um movimento que, de acordo com a extrema-direita, pretende enfraquecer as soberanias nacionais.

Em 2020, a pandemia da Covid-19 era o principal tema da maioria dos telejornais. Em “Os Pingos nos Is”, o tema foi mencionado com pouco destaque, e no dia 4 de setembro daquele ano, o Brasil atingiu a marca de 125 mil mortos pela doença.

Se, em 2020, as principais pautas da edição analisada de “Os Pingos nos Is” estavam ligadas à defesa de temas críticos para o governo, em 2022, já durante a campanha pela reeleição, os assuntos de destaque voltaram a ser àqueles direcionados ao eleitorado evangélico. Na edição de 29 de setembro, o programa divulgou vídeos do presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, chamando a Igreja Católica de uma “ditadura perfeita”¹⁷, em resposta às críticas do Vaticano à erosão da democracia no país. Há, por parte dos comentaristas, uma insistência em relacionar os partidos de esquerda – sobretudo o PT – a regimes autoritários da América Latina, alertando que o suposto apoio político de Lula a lideranças da Nicarágua, de Cuba e da

¹⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/09/5040379-daniel-ortega-diz-que-a-igreja-catolica-e-uma-ditadura-perfeita.html> Acesso em 10 de outubro de 2022.



Venezuela, por exemplo, seriam um reflexo do que aconteceria no Brasil se a esquerda voltasse ao poder. Ao destacar o discurso de Ortega e associá-lo a Lula, a emissora fomenta o medo de que o cerceamento à liberdade religiosa aconteça também no Brasil.

Em outro momento, sem mostrar imagens, o âncora Vitor Brown afirma que “manifestantes do PT teriam vandalizado um templo na cidade de Goianinha, no Rio Grande do Norte”. O âncora lembrou, ainda, outros supostos episódios de violência contra cristãos e espaços religiosos por grupos de esquerda. O uso da forma verbal “teria”, no futuro do pretérito, demonstra incerteza – o que é incomum no jornalismo, que deveria trabalhar com a apuração dos fatos. Além disso, a ausência de imagens para um programa televisivo indica que a notícia só ganhou espaço na edição com o intuito de atestar as alegações bolsonaristas de que a esquerda age de maneira persecutória contra religiosos – reiterando o discurso de ameaça.

Com a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022, a Jovem Pan vem reestruturando a sua equipe. Nomes que figuravam como dispositivos midiáticos com um certo grau de credibilidade foram dispensados da emissora. São os casos de Guilherme Fiuza e Augusto Nunes¹⁸, ambos de “Os Pingos nos Is”. Tal movimento evidencia que o jornalismo está fincado diante de uma encruzilhada, em que de um lado, temos a disputa à esfera pública dos acontecimentos e, de outro, a empresa que visa lucro e trabalha de acordo com interesses organizacionais e que está sujeita a obrigações perante o Estado: em junho de 2023, o Ministério Público Federal (MPF) entrou com ação para suspender as outorgas de radiodifusão da Jovem Pan¹⁹, alegando que a emissora veiculou, sistematicamente, conteúdos que promoviam a desinformação atentavam contra a democracia e que culminaram nos ataques ao Palácio do Planalto e aos prédios do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal em 8 de janeiro de 2023. Atualmente, a emissora tenta acordo para suspender o processo de cassação e já se comprometeu a combater discursos extremistas.²⁰

¹⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/10/31/apos-augusto-nunes-guilherme-fiuza-tambem-e-demitido-da-jovem-pan.htm>. Acesso em: 16 nov. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-06/mpf-pede-cancelamento-das-frequencias-da-jovem-pan-por-desinformacao> Acesso em 27 de agosto de 2023.

²⁰ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/08/mpf-aceita-fazer-acordo-mas-recusa-la-proposta-da-jovem-pan-para-encerrar-acao-de-cassacao.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2022.



Conclusão

A partir da análise das edições e da repercussão em redes sociais de edições de 2018, 2020 e 2022 do programa “Os Pingos nos Is” e da metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual – AMA (COUTINHO, 2016), foi possível identificar a centralidade das pautas de costumes na formulação de um ecossistema de comunicação bolsonarista que se aproveita da amplitude do espaço virtual para produzir, disseminar e manter a desinformação.

A *Jovem Pan News*, considerada um dos principais veículos desse ecossistema, com alcance de mais de 5 milhões de espectadores somente no *YouTube*, atua ativamente para a construção de uma visão de mundo antagônica à realidade convencionada e, de acordo com Traquina (2005), construída pelo Jornalismo – o que põe em xeque não só a credibilidade da atividade jornalística, mas a própria manutenção do regime democrático e até mesmo o tecido social que permite a convivência em sociedade.

Encontrando um cenário de instabilidade política, econômica e de conflitos entre movimentos sociais e o crescimento do eleitorado evangélico, a extrema-direita conseguiu mobilizar as parcelas mais conservadoras da sociedade brasileira para o seu projeto de poder, baseado no discurso de ódio, no punitivismo e na rejeição às instituições democráticas. Esse movimento só foi possível por conta do fenômeno da “cultura de convergência” (JENKINS, 2008), que possibilita a transmissão de conteúdo em múltiplas plataformas e a produção de conteúdo de forma participativa nas mídias sociais digitais. Dessa forma, o projeto de manutenção da desinformação não encontrou grandes entraves, tendo exercido um papel fundamental no resultado das eleições gerais de 2018 e durante os quatro anos do mandato do presidente Jair Bolsonaro.

Enquanto instituição, a mídia exerce, portanto, um poder invisível, não violento, mas ainda assim poderoso sobre a sociedade – fenômeno que Pierre Bourdieu (1989) chamou de “poder simbólico”. Para o sociólogo, os meios de comunicação têm o poder de produzir novos sentidos da realidade, reformulando como o indivíduo enxerga a realidade e de que forma ele é inserido nesta sociedade. Com a popularização das redes sociais, novos agentes – dentre eles, os veículos de comunicação da extrema-direita – surgiram e ganharam voz para disputar esse poder, rompendo o que Bourdieu define como *consensus*, pilar fundamental da existência



coletiva. O discurso de que há uma guerra cultural em curso, com atores “globalistas” arquitetando a destruição da família tradicional, ganhou força e foi o responsável pela ascensão da extrema-direita não só no Brasil, mas em diversos outros países, que tiveram suas democracias ameaçadas.

O punitivismo e a insistência em rejeitar tudo o que é diferente do tradicional são marcas desse discurso. Foucault (1999) define o esforço de associar as minorias à indecência, à imoralidade e ao “comunismo” e incentivar a violência contra eles como um dispositivo do poder disciplinar, a repressão à sexualidade. Assim, o bolsonarismo entende que a “guerra cultural” em curso tem como agentes esses grupos, que devem, portanto, ser extintos para garantir a existência da família patriarcal.

Nesse cenário, a atividade jornalística pautada por princípios democráticos, que se guia pela tolerância à diversidade e pelo interesse público, é desacreditada por grupos interessados na manutenção da desinformação. Ela é entendida como “ideológica” e, conseqüentemente, rechaçada. No entanto, em um cenário antidemocrático, dividido e em constante tensão, a imprensa se torna ainda mais relevante enquanto pilar fundamental da democracia.

Embora seja uma tarefa árdua e que não terá resultados imediatos, sobretudo porque o ecossistema de comunicação bolsonarista foi estabelecido e perdura, é preciso refletir sobre o papel do Jornalismo na construção de uma sociedade verdadeiramente plural – é importante lembrar que, historicamente, grupos minoritários sempre estiveram sujeitos a um papel de subalternidade, mesmo no mais liberal dos veículos da imprensa tradicional.

Dar voz a quem luta pela existência no Brasil é urgente. Assim, será possível resgatarmos o *consensus* – se não em torno de costumes, pelo menos no sentido de que todo ser humano tem direito à vida e a mínimas condições de existência; de que a ciência salva vidas; e que não há outro caminho para a paz que não perpassa a democracia.

REFERÊNCIAS

BIROLI, F.; MACHADO, M.; VAGGIONE, J. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

CASTRO ROCHA, J. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.



COUTINHO, I. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade:** A análise da materialidade audiovisual como método possível. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo – SP: USP/Intercom, 2016.

COUTINHO, I.; GOULART DE ANDRADE, A. Análise da Materialidade Audiovisual (AMA): relato sobre as experiências de um método em fluxo para compreender o jornalismo em telas. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO*, 21., 2022, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: ENEJor, 2022.

COWAN, B. **Moral majorities across the Americas:** Brazil, the United States and the creation of the religious right. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2021.

COWAN, B. **Securing sex:** morality and repression in the making of Cold War Brazil. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

JENKINS, H. **Convergenceculture:** la cultura de la convergencia de los medios de comunicación. Barcelona: Paidós, 2008.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo – Volume I:** porque as notícias são como são. 2a ed. Florianópolis: Insular, 2005.